

Discursos do Instituto Histórico e Geográfico do Pará

Elogio ao historiador e folclorista Vicente Juarimbu Salles, por ocasião da posse do Sócio Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, Jonas Monteiro Arraes, fundador da Cadeira N. 69.¹

Jonas Monteiro Arraes²

266

Agradeço a presença de todos nesta noite marcante em minha vida.

Agradeço ao Instituto Histórico e Geográfico do Pará, vigorosamente capitaneado por sua atual presidente, Professora Anaíza Vergolino, que através de sua atual diretoria, elegeu-me por chamamento público, para esta cadeira de sócio efetivo, em função fundacional, cujo patronato está assentado na figura eclética e polígrafa do homem Vicente Juarimbu Salles.

Meu penhorado agradecimento à Presidente Anaíza Vergolino, à Diretoria do IHGP e aos demais membros que anuíram à minha candidatura.

Agradeço sensibilizado as nobres palavras do amigo e confrade Professor Dr. Aldrin Figueiredo. Jovem professor, mas já com larga experiência acadêmica, muito sabido das letras e habilidoso em escrevê-las. Dr. Aldrin é eminente em suas ações e querido por sua dignidade.

Agradeço à Professora Jussara Derenji, diretora deste belo Museu da UFPA, pela participação e cessão dos espaços da casa, para este rito de posse e posterior momento de conagração.

Agradeço a presença do Magnífico Reitor da Universidade Federal do Pará, Prof. Dr. Emmanuel Tourinho, aqui representando esta grandiosa instituição de ensino superior, como também, por sua presença, vem reiterar os elos de amizade em nossas relações acadêmicas e familiares.

Agradeço a Profa. Marena Salles, esposa do saudoso Vicente, patrono da cadeira que passo a ocupar, que veio a Belém especialmente para este momento.

Agradeço, através de minha esposa Rosa, pela presença de meus familiares.

Agradeço então a presença de meus colegas de trabalho, do IHGP, alunos e amigos aqui presentes.

¹ Discurso de Posse da cadeira patronímica de Vicente Salles no Instituto Histórico Geográfico do Pará, proferido em 22 de fevereiro de 2017, nas dependências do Museu da UFPA.

² Doutor em Música pelo Instituto de Artes da UNICAMP. Professor da Universidade do Estado do Pará-UEPA; Sócio Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Pará e da Academia Paraense de Música.

Discursos do Instituto Histórico e Geográfico do Pará Elogio a Vicente Juarimbu Salles

No ano em que completo 60 anos, significativo tempo que se inicia, recebo com gratidão às comendas e o diploma, objetos que me conduzem para os ambientes permeados de saberes deste Instituto, ambientes estes frutificados por mentes de alto valor.

Ocupar a cadeira 69, cujo patrono é o eminente historiador e musicólogo Vicente Juarimbu Salles é uma honra maior que meus méritos alcançam. Faço como meta, trabalhar ao longo dos próximos anos para ser merecedor desta investidura e de sua representatividade.

Vicente Salles foi um pesquisador incansável, que esteve sempre na vanguarda dos métodos e dos meios. Não somente colecionou. Dedicou-se a catalogar sua documentação como um bibliotecário e à medida que novos suportes tecnológicos surgiam, imediatamente atualizava seus procedimentos. Viveu um tempo que transcorreu desde as fichas de pesquisa feitas na máquina datilográfica, até os arquivos de computador, dos discos de 78 rpm ao MP3. Se hoje estivesse entre nós, estaria armazenando seus arquivos em nuvens virtuais, espaço que a cada dia se populariza.

Sua trajetória de folclorista, historiador e musicólogo é bastante conhecida. Suas obras derivam em grande parte de fontes por ele levantadas. Na biblioteca deste museu está a Coleção que leva seu nome. São milhares de documentos assentados nos mais diversos suportes. Para cá afluem pesquisadores de vários lugares e dos mais diversos interesses. Não é possível saber mais sobre determinados assuntos, dentre eles a presença do negro na Amazônia e história da música no Pará, sem vir à biblioteca do Museu da UFPA e usufruir de tão rica fonte de informações legadas por este homem que por décadas foi incansável em seu labor.

Num artigo que escrevi sobre seu método de trabalho, o comparei às abelhas que buscam nas flores a fonte de sua alimentação. Retiram delas somente o que é doce, perfumado e nutritivo. Processam dentro de si e produzem o mel. O nome deste artigo se chama "Da Flor ao Mel". Penso que é isso que Vicente fez por toda a sua vida. Foi onde estavam os néctares do conhecimento e, após processar em sua prodigiosa mente, nos deu livros, textos, partituras editadas, entre tantos produtos que hoje celebramos como sendo uma grandiosa obra.

Vicente transitou com desvelo entre a Academia e a Cultura Popular, entre o erudito e o popular, naquilo que ele classificou como um *continuum*, um fenômeno de trânsito de saberes populares em direção ao erudito e do erudito em direção ao popular. Não distinguia uma pessoa ágrafa de dominadores de letras. Todos sempre foram importantes em sua jornada. A partir deste pensamento ele nos traz um conceito: o de "reciprocidade". Como que dissesse "aquilo que te serve, serve para mim também". Colocou isso em prática por toda a vida. Tó Teixeira assim escreveu para ele numa carta datada de 23/07/1970: "*fique certo que sempre falo em seu nome e digo: foi o Vicente Salles quem veio fazer as pesquisas no Pará do nosso folclore, dos nossos artistas pobres, dos nossos músicos amadores*".

O Título de Doutor Honoris Causa, pela Universidade Federal do Pará, em 2011, nos leva ao mesmo pensamento, conduzindo-nos aos seus estudos acadêmicos e da convivência com aqueles que se dedicam às diversas ciências.

(Lembro que eu, Profa. Anaíse Vergolino e Ubiratan Porto e outras personalidades o conduzimos ao plenário naquele 19 de setembro de 2011).

Tive a honra de conhecer Vicente quando jovem integrante da Orquestra da UFPA, por volta do ano de 1975. Ele nos visitava nos ensaios e concertos, conversando com todos, em busca de novas informações. Em tempos mais recentes pude ter sua colaboração quando dirigia e tocava no Quinteto Vivace e era maestro da Orquestra Jovem da FCG. Enviou-me partituras que ele mesmo editou, inicialmente em *decadry* e *letraset* e logo após, num programa de edição de partituras. No tempo que foi diretor deste museu ele produziu mais de 150 edições de partituras, transformando partituras manuscritas em partituras editadas e impressas em impressoras jato de tinta. Este conjunto de partituras é desconhecido do público. Constitui uma atividade musical que só é possível realizar por quem tem conhecimentos de escrita e leitura musical e de todos os códigos que esta ação exige. Portanto Vicente Salles atuou como músico nestas edições. Ao seu lado - e sempre ao seu lado - estava Marena Salles, esposa e companheira de longas pesquisas. Hoje temos a honra de vê-la aqui.

Quando realizamos aqui no MUFPA o projeto Recuperação e Difusão do Acervo Musical da Coleção Vicente Salles, aprovado na Lei Rouanet e patrocinado pela PETROBRAS, Vicente esteve ao nosso lado. Neste período que foi de 2006 até sua partida, aprendemos muito com o mestre. Quando nos visitava pudemos usufruir de seu vasto conhecimento em vários temas. O Relatório Final do Projeto, segundo nos relatou Marena, Vicente apresentava às pessoas com orgulho e contentamento de ver seu acervo organizado e acessível aos pesquisadores. Sua generosidade era tanta que até seus últimos dias trabalhou para que todos pudessem ter acesso aos documentos e informações por ele salvaguardados.

Uma das ocasiões em que esta generosidade se manifesta se vê quando, por falta de tempo hábil para pesquisar com mais profundidade sobre a vida e feitos do produtor musical e regente Joaquim Franco, nascido em Campinas e falecido em Manaus, deixou em nota de rodapé a bibliografia levantada e os *locus* de pesquisa para quem quisesse se aprofundar nas lides deste ativo personagem do *belle époque* amazônico. Seu desejo sempre foi que o conhecimento pudesse estar acessível a todos.

Vicente Salles circulou entre muitos atores culturais. Foi pioneiro em várias pesquisas. Cite-se o estudo sobre o Carimbó, realizado com Marena em 1968, na cidade da Vigia, precedido por uma ação etnográfica em Maiandeuá, pelos idos de 1956, onde teve, segundo relatos de Marena, seu corpo fechado por um pajé. O trabalho de 68 foi publicado em 1969 na Revista Brasileira de Folclore. Esta pesquisa é basilar para todos que se dedicam a este tema. Além deste texto nos deixou várias registros gravados, dentre elas a canção Araruna, cantada pela menina Carmem e que reproduzimos no lançamento do Livro Lundu, canto e dança do negro no Pará, no dia 30 de novembro de 2016. Esta e outras músicas deste livro foram interpretadas por um quarteto vocal/instrumental formado pela cantora Nanna Reis, pelo clarinetista Jonny Lobato pela banjoísta e cavaquinho Renata Beckman e pelo percussionista Douglas Dias (aqui presentes).

Pioneiras também são suas definições da autoria da modinha A Casinha Pequenininha e da existência do Canto Orfeônico aqui em Belém, desde o final do sec. XIX, bem antes do projeto de Villa-Lobos, na década de 1930.

Seus estudos sobre a caricatura na Amazônia, sobre Editoras de música, sobre a literatura de cordel e a editora Guajarina, sobre a Sociedade de Mulheres Negras, sobre os engenhos de açúcar e aguardente, entre tantos outros, nos mostram um homem polígrafo, com escrita assentada numa estilística bem peculiar. São dele as

Discursos do Instituto Histórico e Geográfico do Pará Elogio a Vicente Juarimbu Salles

expressões “debulhei”, “respiguei”, quando queria dizer que retirou uma informação de um local qualquer. É dele a frase “Povo que não tem memória, não tem o que defender”. Outra: “Para mim até um cartão de visita é um documento”. Sua escrita é refinada e de uma delicada ironia, uma maneira criativa de combater com vigor os descabros da indústria cultural, da indústria armamentista, das multinacionais invasoras e destruidoras. Lendo Os Mocambeiros podemos notar esta facúndia nos escritos.

Muito teria ainda por falar de meu Patrono. De quanto fomos amigos. Da felicidade em recebê-lo, sempre junto com Marena, em minha casa. De poder ter convivido e apreendido com ele. De ter tido acesso à sua obra e seus acervos.

Hoje, junto com Marcelo, seu filho mais velho, nos dedicamos a organizar e publicar sua obra. Ano passado publicamos a 3ª Ed. do Livro "Música e Músicos do Pará", pela Fundação Cultural do Pará e "Lundu, Canto e Dança do Negro no Pará", pela editora Paka Tatu, cujo lançamento ocorreu no Museu de Arte de Belém, no dia 30 de Novembro do ano passado. Muito trabalho temos pela frente.

Espero, como falei anteriormente, honrar esta cadeira. Espero outrossim poder continuar colaborando com este Museu, onde está sua coleção, muito bem cuidada, com o armazenamento tecnicamente compatível e sob os cuidados da equipe dirigida pela professora Jussara Derenji.

Daqui a pouco vamos cantar, pois: QUEM CANTA, DECANTA A ALEGRIA, DA VIDA QUE NOS ESPIA!

Vida longa ao Instituto Histórico e Geográfico do Pará, vida longa ao Museu da UFPA.

Que a memória de Vicente Salles nos inspire a viver por sua obra e pela cultura do Pará.

MUITO OBRIGADO!